

Título do capítulo

CAPÍTULO 18 – OS DEPENDENTES DA RENDA DOS IDOSOS E O CORONAVÍRUS: ÓRFÃOS OU NOVOS POBRES?

Autores(as)

Ana Amélia Camarano

DOI

<http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-042-4/capitulo18>

Título do livro

IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO MERCADO DE TRABALHO E NA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NO BRASIL

Organizador(es)

Sandro Pereira Silva
Carlos Henrique Corseuil
Joana Simões Costa

Volume

-

Série

-

Cidade

Brasília

Editora

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

Ano

2022

Edição

-

ISBN

978-65-5635-042-4

DOI

<http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-042-4>

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2022

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesso: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

OS DEPENDENTES DA RENDA DOS IDOSOS E O CORONAVÍRUS: ÓRFÃOS OU NOVOS POBRES?¹

Ana Amélia Camarano²

*"Doutora, não me deixe morrer,
sou eu quem sustento os meus dois netos"*
(Paciente oncológico terminal com 83 anos à
sua médica, no Rio de Janeiro, em 2005).

1 INTRODUÇÃO³

O objetivo deste trabalho é mostrar o impacto da morte precoce de idosos, em especial dos que são responsáveis financeiros por famílias, na renda dos demais familiares. Considera-se como precoce porque o óbito ocorre em uma idade em que a expectativa de vida é positiva e diferente de zero. A preocupação surge da constatação de que 73,8% das mortes registradas por covid-19 até 1^a de julho de 2020 ocorreram em indivíduos com 60 anos ou mais, dos quais 58,0% eram homens. Por exemplo, aos 60 anos um indivíduo do sexo masculino ainda poderia esperar viver mais 18,1 anos,⁴ dadas as condições de saúde vigentes em 2018.

Não se tem dúvida de que a pandemia do coronavírus está trazendo consequências devastadoras em termos de perdas de vidas humanas e de emprego, afetando as famílias de várias formas. Uma delas é a diminuição da renda de seus membros, seja pela morte, seja pela perda de emprego em um momento de difícil acesso a um trabalho remunerado. A tendência esperada é de crescimento do número dessas mortes e do desemprego, neste caso mesmo depois da pandemia, o que terá um grande impacto nas suas famílias.

Vários trabalhos já mostraram a importância da renda dos idosos na renda das famílias brasileiras.⁵ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, em 2018, dos 71,3 milhões

1. Originalmente publicado como: Camarano, A. A. *Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres?* Brasília: Ipea, jul. 2020. (Nota Técnica Disoc, n. 81). Disponível em: <<https://bit.ly/3mLiRQm>>.

2. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Disoc/Ipea).

3. A autora agradece a Daniele Fernandes a elaboração das tabulações utilizadas.

4. Estimativas da autora para 2018.

5. Ver, por exemplo, Camarano e Kanso (2003); Barros, Mendonça e Santos (1999); e Saboia (2004).

de domicílios brasileiros, em 33,9% havia ao menos um idoso residindo. Nesses domicílios moravam 62,5 milhões de pessoas, em média 2,6 pessoas por domicílio, das quais 30,1 milhões eram não idosas. Entre os não idosos, 16,6 milhões não trabalhavam. O idoso contribuía com 69,8% da renda desses domicílios e 56,3% de sua renda vinha de pensão ou aposentadoria.

Sintetizando, a família⁶ de um idoso não é um ninho vazio, como esperado pela literatura, e o idoso tem desempenhado um papel importante como seu provedor. Dado isso, a pergunta que se coloca é como as famílias brasileiras com idosos estão se organizando para fazer face ao envelhecimento populacional, à maior dependência econômica dos filhos adultos, ao enxugamento do papel do Estado e à recente pandemia. São elas “ninhos vazios”? Se não, o que as tem levado a divergir do comportamento esperado? Que tipo de apoio (ou falta de) esperar dessas famílias em tempos de coronavírus?

Este trabalho está dividido em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda faz uma breve descrição de como se constituem as famílias com idosos e a terceira os caracteriza. A quarta seção faz algumas especulações sobre o que poderia acontecer com a renda dessas famílias se seus trabalhadores perdessem o seu emprego e/ou se seus idosos morressem. Na quinta seção, tecem-se as considerações finais.

2 OS DOMICÍLIOS COM IDOSOS

A família é vista como a fonte de apoio informal mais importante para os seus membros. Em muitos países, aparece como a única alternativa. Isso tem se verificado tanto pela coresidência como pela transferência de bens, serviços e recursos financeiros. Os seus membros se ajudam na busca do alcance do bem-estar coletivo, constituindo um espaço de “conflito cooperativo”, em que se cruzam as diferenças de gênero e geração. Daí surge um leque variado de arranjos familiares.

As formas esperadas de arranjos familiares para famílias com idosos são do tipo casal sem filhos ou famílias unipessoais, ou seja, idosos morando sós. O estado conjugal é um determinante importante desses arranjos, bem como a independência dos filhos, expressa pela saída de casa. Outro determinante é a autonomia física, mental e financeira, pelo menos dos chefes de família. Quando essas situações não acontecem, a coresidência ou a ampliação das famílias pode ser estratégia utilizada para beneficiar tanto as gerações mais novas como as mais velhas.

A literatura dos anos 1980 mostrou que uma das estratégias de enfrentamento da pobreza na América Latina foi o aumento ou a redução do tamanho das famílias (Arriagada, 1997). No Brasil, o período em que os filhos passam como economicamente dependentes de seus pais tem crescido devido às suas

6. Utiliza-se aqui família e domicílio como sinônimos.

dificuldades de inserção no mercado de trabalho, ao maior tempo despendido na escola e à maior instabilidade das relações afetivas (Camarano e Mello, 2006). Como exemplo dessas dificuldades, cita-se o fenômeno dos “nem-nem”, primeiramente observado na população jovem, no caso pessoas de 15 a 29 anos, que não estudavam nem trabalhavam. Recentemente, esse fenômeno tem sido verificado, também, entre os homens de 50 a 59 anos que não trabalhavam, não procuravam trabalho, não eram aposentados nem pensionistas, também denominados “nem-nem” (Camarano e Fernandes, 2014; Camarano e Carvalho, 2015; Camarano e Fernandes, 2018). Entre eles, uma pequena proporção, porém crescente, morava na casa dos pais idosos – proporção esta que passou de 5,3% para 9,1% entre 1992 e 2012 (Camarano e Fernandes, 2014).

Essa situação mostra que as famílias estão sendo cada vez mais requeridas para cuidar dos seus segmentos “vulneráveis”, e o idoso tem assumido um protagonismo. Apoios intergeracionais, via arranjos familiares, têm sido crescentemente importantes como estratégias de sobrevivência, embora sob formas diferenciadas. Uma das estratégias utilizadas tem sido a coresidência, em que variações na renda dos pais e dos filhos desempenham um papel importante. Partindo dessa premissa, o objetivo geral desta seção é entender como as famílias brasileiras estão se organizando para fazer face ao envelhecimento populacional e à maior dependência econômica dos seus membros.

A tabela 1 apresenta o total de domicílios e a população aí residente, classificada em três categorias de domicílio:

- 1) total de domicílios com idosos;
- 2) domicílios onde a renda do idoso responde por mais de 50% da renda total; e
- 3) domicílios onde a renda do idoso é a única fonte de renda.

Além do total de domicílios nessas categorias, a tabela 1 apresenta o número de pessoas aí residindo, distribuídas em três grupos de idade: idosos, pessoas de 15 a 59 anos e menores de 15 anos. Pode-se observar que entre os 71,3 milhões de domicílios brasileiros, idosos residiam em 33,9% deles. Nestes domicílios viviam 62,5 milhões de pessoas, das quais 30,1 milhões eram não idosos e, entre estas, 5,1 milhões tinham menos de 15 anos. Isso significa 17,5% e 16,4% dos adultos e crianças brasileiras, respectivamente. Ou seja, os domicílios com idosos não são compostos só por idosos. Aí se encontram 35,6% da renda brasileira, uma proporção mais elevada do que a da população aí residente, sinalizando que a renda destes é maior do que a renda dos domicílios onde não residem idosos. Quase a metade dessa renda (46,7%) vem da seguridade social e uma outra parcela, também expressiva, vem da renda do trabalho (45,5%).

TABELA 1
Domicílios e moradores segundo algumas categorias dos domicílios – Brasil (2018)
(Em mil)

	Número de domicílios	Residentes			
		Total	Idosos	15-59 anos	<15 anos
Total de domicílios	71.326,3	207.853,3	32.460,7	121.913,0	53.479,6
Domicílios com idosos	24.185,7	62.527,7	32.460,7	21.324,6	8.742,3
Domicílios cuja renda do idoso é > 50%	14.713,0	30.563,5	18.990,2	9.463,4	2.109,9
Domicílios com a renda do idoso apenas	12.883,3	23.270,7	18.388,3	3.966,1	916,2

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2018.

O idoso contribuía com 69,8% da renda desses domicílios e 56,3% desta renda vinha de pensões ou aposentadorias, ou seja, da seguridade social (tabela 2). No entanto, a renda do trabalho constituía 34,8% da renda desses lares, pois um terço dos idosos do sexo masculino e 14,2% das mulheres idosas que residiam nesses domicílios estavam ocupados. Considerando os adultos de 20 a 59 anos,⁷ 66,1% dos homens e 52,4% das mulheres também estavam ocupados. No conjunto das pessoas ocupadas no domicílio, os idosos respondiam por um terço e eram responsáveis por gerar 44,4% da renda do trabalho desses domicílios. A tabela 3 mostra a proporção de homens e mulheres, adultos e idosos, que estavam ocupados nos três tipos de domicílio com idosos considerados.

TABELA 2
Composição da renda do idoso segundo o tipo de domicílio – Brasil (2018)

	Renda do idoso na renda dos domicílios (%)	Renda média domiciliar <i>per capita</i> (R\$)	Renda do idoso da seguridade social (%)	Renda do idoso do trabalho (%)
Domicílios com idosos	69,8	1.380,6	56,3	34,8
Domicílios cuja renda do idoso é > 50%	90,1	1.621,8	58,7	31,1
Domicílios com apenas a renda do idoso	100,0	1.533,2	63,9	25,5

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2018.

7. Assume-se que as pessoas com idade inferior a 20 anos que moravam nesses domicílios que não trabalhavam deveriam estar estudando.

TABELA 3
Composição da força de trabalho dos domicílios com idosos – Brasil (2018)
 (Em %)

		Domicílios			
		Com idosos em geral	Renda do idoso é > 50%	Apenas a renda do idoso	
Homens	Idosos	Em relação à população	32,8	40,3	29,7
		Em relação aos ocupados do domicílio	22,5	38,5	57,7
	Entre 20 e 59 anos	Em relação à população	66,1	47,2	9,1
		Em relação aos ocupados do domicílio	32,1	17,9	3,2
Mulheres	Idosas	Em relação à população	14,2	16,9	14,1
		Em relação aos ocupados do domicílio	12,4	20,3	35,9
	Entre 20 e 59 anos	Em relação à população	52,4	17,9	3,2
		Em relação aos ocupados do domicílio	30,1	21,0	2,6

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2018.

Levando em consideração a alta dependência da renda dos idosos, observou-se que em 60,8% dos domicílios com idosos ou em 20,6% do total dos domicílios brasileiros, a renda do idoso era responsável por mais de 50% da renda. Aí residiam 30,6 milhões de pessoas, das quais 9,5 milhões tinham entre 15 e 59 anos e 2,1 milhões eram crianças abaixo de 15 anos. Entre os adultos, cerca de 6 milhões não trabalhavam, enquanto 5,2 milhões de idosos o faziam. A tabela 3 confirma que, tanto absoluta quanto relativamente falando, muito mais idosos trabalhavam nesses domicílios comparativamente aos não idosos. Cerca de 59,0% da força de trabalho desses era composta por idosos, homens ou mulheres, e o seu trabalho era responsável por 77,1% da renda do trabalho desses domicílios. Como se pode ver na tabela 2, a renda do idoso era responsável por 90,1% da renda dessas famílias, com a maior parte vindo da seguridade social (58,7%); em segundo lugar, colocava-se a renda do trabalho (31,1%).

A última categoria de domicílios considerada foi a dos domicílios onde a renda do idoso era a única fonte de renda. Nesta categoria, encontravam-se 12,9 milhões de domicílios, o que representava 18,1% do total de domicílios brasileiros, onde moravam 18,4 milhões de idosos, cerca de 5 milhões de não idosos, 900 mil destes eram crianças menores de 15 anos. Nesses domicílios cerca de 30% dos homens idosos e 14,1% das mulheres trabalhavam. Entre os não idosos, 7,1% trabalhava mas não tinha renda. A principal fonte de renda era a seguridade social, que era responsável por 63,9% do seu total.

3 QUEM SÃO ESSES IDOSOS?

Busca-se nesta seção conhecer os idosos brasileiros com base no tipo de domicílio onde residem. A tabela 4 apresenta algumas características de acordo com a tipologia dos domicílios utilizada. No conjunto de domicílios com idosos, observa-se uma predominância de mulheres, tanto no conjunto dos moradores quanto entre os idosos, 54,3% e 56,1%, respectivamente. A idade média das mulheres idosas era de 71,3 anos e estas tinham uma expectativa de sobrevida de 12,3 anos. Já a idade média dos homens idosos era de 70,5 anos e a expectativa de sobrevida, de 11,9 anos.⁸ A escolaridade tanto dos homens quanto das mulheres idosas era muito baixa, menos de sete anos de estudo. Aproximadamente 90% desses idosos eram chefes ou cônjuges desses domicílios. Isso significa que estão nos seus próprios domicílios. Apenas 10% morava na casa de parentes, proporção esta mais elevada para as mulheres; 6,8% e 13,7%, homens e mulheres respectivamente. Morar em casa de parentes significa menor empoderamento, o que é mais expressivo entre as mulheres. Este é um dos fatores que pode explicar a maior violência sofrida por elas. Mesmo na condição de parentes, os idosos contribuíam para a renda dos domicílios; no caso das mulheres, em torno de 14% e dos homens, 7,4%.

TABELA 4
Características dos domicílios com idosos – Brasil (2018)

Características		Total		Renda do idoso é > 50%		Apenas a renda do idoso	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Proporção (%)	Proporção no total de moradores	45,7	54,3	44,3	55,7	44,0	56,0
	Proporção no total de idosos	43,9	56,1	44,4	55,6	43,3	56,7
Média	Idade média do idoso	70,5	71,3	68,0	69,5	69,6	69,7
	Número médio de anos de estudo do idoso	6,7	6,6	7,5	7,2	6,6	6,7
Posição do idoso no domicílio por sexo (%)	Chefe	74,4	55,1	79,8	65,0	79,1	58,9
	Cônjuge	18,2	30,5	16,2	27,5	17,0	34,2
	Pai, mãe, padrasto, madrastra ou outro parente	7,3	14,3	3,9	7,5	3,8	6,8
	Total	100,0	99,9	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2018.

8. Considerando as condições de saúde de 2018. Estimativas da autora.

Na tabela 4, encontram-se as características dos idosos que residiam nos domicílios onde mais de 50% da renda dependia da sua renda. Também predominam as mulheres tanto entre o conjunto de moradores quanto entre os idosos, mas a idade média destes era mais baixa – em torno de dois anos – do que no primeiro tipo de domicílio. Já a escolaridade média era ligeiramente mais alta, tanto para homens quanto para mulheres. Uma proporção mais elevada desses idosos estava no seu próprio domicílio, o que significa uma proporção mais baixa morando com parentes, ou seja, menos empoderados.

Finalmente, o último grupo de domicílios considerado é o que contava apenas com a renda do idoso. Aí também predominavam as mulheres, e a idade média tanto dos homens quanto das mulheres estava em torno de 70 anos. Uma proporção ainda mais elevada desses idosos estava no seu próprio domicílio, ou seja, mais empoderados. Embora bem mais baixa do que a observada nos outros tipos de domicílio, a proporção de mulheres vivendo com parentes é quase o dobro da dos homens.

Sumarizando, esses dados mostram claramente a importância da renda do idoso na renda de um terço das famílias brasileiras, o que desmistifica a visão tradicional do idoso dependente. O que se viu aqui foi este assumindo um papel importante de provedor, para o qual não só a renda da seguridade social desempenha um papel significativo, mas também a renda do trabalho. Considerando o contexto atual da pandemia, em que a mortalidade dos idosos tem aumentado bem como o seu desemprego, pergunta-se como fica a situação dessas famílias.

4 COMO FICA A SITUAÇÃO DESSAS FAMÍLIAS EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA?

A crise provocada pela pandemia da covid-19 e a consequente adoção de medidas de isolamento social no Brasil afetaram significativamente o mercado de trabalho. A PNAD Contínua apontou que a taxa de desemprego alcançou 12,6% no trimestre móvel encerrado em abril de 2020. Essa taxa poderia ser ainda maior se não fosse a saída de um contingente expressivo da população brasileira da atividade econômica, ou seja, uma redução na taxa de participação.

Essa redução foi maior entre jovens e idosos, o que, de acordo com Ottoni (2020), pode ser resultado do fato de muitos trabalhadores terem perdido o emprego durante a pandemia e terem decidido não procurar um novo, dada a recessão já instalada. De acordo com o autor, mais de 1,3 milhão de idosos deixaram de trabalhar ou de procurar um emprego, quando se compara o primeiro trimestre de 2020 com o equivalente de 2019.⁹

9. Disponível em: <<https://bit.ly/3zXmb0>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Embora os dados da PNAD Contínua refram-se ao primeiro trimestre de 2020, início da pandemia, já mostram um impacto importante na taxa de desemprego e de participação da população brasileira. Acredita-se que, de forma diferenciada, essa queda deve ter atingido todos os trabalhadores brasileiros e, como mencionado por Ottoni (2020), foi mais pronunciada entre os trabalhadores com filhos.¹⁰

Segundo a PNAD Contínua de 2018, aproximadamente metade dos homens idosos trabalhava por conta própria e 21,4% eram comerciantes, pedreiros, motoristas de táxi, de carro por aplicativo e de caminhão. A proporção de mulheres idosas que trabalhavam por conta própria era mais baixa que a de homens, mas, mesmo assim, muito alta, 39,6%. As suas principais ocupações eram de empregada doméstica, comerciante, costureira, faxineira e cozinheira em empresa. Em tempos de isolamento, essas ocupações, tanto as masculinas quanto as femininas, foram as que sofreram o maior impacto, tanto pela destruição de vagas quanto pela substituição de idosos, por serem mais sensíveis ao risco da pandemia e/ou por medo mesmo de se exporem.

Além disso, a PNAD Contínua apontou uma redução no rendimento médio dos trabalhadores com mais de 40 anos a partir do segundo trimestre de 2019. Essa redução foi mais elevada entre os maiores de 60 anos. Por exemplo, a comparação do terceiro semestre de 2019 com o correspondente de 2018 indica uma queda de 6,6% (Ipea, 2020). Provavelmente, essa redução atingiu os rendimentos do trabalho, pois os da seguridade social são constitucionalmente irredutíveis.

Busca-se, então, nesta seção especular sobre a situação das famílias dependentes de idosos no contexto da perda de emprego generalizada e da mais alta mortalidade dos idosos.

4.1 Perda da renda do trabalho

Chama-se a atenção para o fato de que, mesmo perdendo a renda do trabalho, a grande maioria dos idosos (73,0%) é aposentada ou pensionista, o que lhes garante uma renda mensal vitalícia. Uma parcela pequena dos seus familiares não idosos recebe pensão ou aposentadoria, 5,2%.

Apresentam-se na tabela 5 os resultados de um exercício que simula a perda da renda do trabalho bem como da renda do idoso no caso da sua morte. As duas primeiras colunas mostram, respectivamente, a renda média domiciliar *per capita* no caso de a renda do trabalho ser zero e a proporção da renda do domicílio que passa a depender da seguridade social. Essas simulações foram realizadas para cada um dos três tipos de domicílio analisados neste estudo. Nota-se que a renda domiciliar *per capita* diminui em todos os três tipos de domicílio, mas a redução

10. Disponível em: <<https://bit.ly/3vE3Y6W>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

é maior naqueles onde a dependência da renda do idoso é menor, ou seja, onde há mais adultos trabalhando. Nesse caso, pode-se esperar uma redução de quase 40% na renda. Contudo, mesmo naqueles domicílios que dependem apenas da renda do idoso, a perda é de 15,1%. O que se observa em todos os domicílios é que a dependência da renda da seguridade social torna-se muito forte, certamente da renda do idoso, no caso da perda da renda do trabalho.

TABELA 5
Algumas simulações sobre a renda dos domicílios com idosos – Brasil (2018)

	Excluindo a renda do trabalho		Excluindo a renda do idoso		Valores observados
	Renda média domiciliar <i>per capita</i> (R\$)	Renda da seguridade social (%)	Renda média domiciliar <i>per capita</i> (R\$)	Renda do trabalho (%)	Renda média domiciliar <i>per capita</i> (R\$)
Domicílios com idosos	842,9	85,7	1.097,8	85,3	1.380,6
Domicílios cuja renda do idoso é > 50%	1.166,9	85,1	425,5	79,0	1.621,8
Domicílios com a renda do idoso apenas	1.301,0	86,6	0,0	0,0	1.533,2

Fonte: IBGE/PNAD Contínua 2018.

4.2 E se os idosos morrerem?

Chama-se a atenção para o fato de que 73,8% das mortes por covid-19 ocorrem entre as pessoas com 60 anos ou mais, 58,0% homens. Entre essas mortes, aproximadamente um quarto acomete as pessoas de 70 a 79 anos.¹¹ Considerando-se as condições de saúde de 2018, um indivíduo com 70 anos pode esperar viver mais 12,8 anos e trabalhar por mais dois anos.¹² Ou seja, a mortalidade nessa idade pode ser considerada precoce.

Se morrem todos os idosos, cerca de 30 milhões de pessoas não idosas terão a sua renda mensal *per capita* reduzida de R\$1.380,60 para R\$1.097,80, desde que não haja perda na renda do trabalho dos não idosos. Nesse caso, a renda do trabalho passa a ser responsável por 85,3% da renda desses domicílios em um momento de alta taxa de desemprego.

Como se viu, em 20,6% dos domicílios brasileiros, no mínimo 50% da sua renda dependia da renda dos idosos. A renda mensal *per capita* desses domicílios era de R\$ 1.621,8. Se esses idosos morressem, o rendimento médio *per capita* cairia para R\$ 425,5. O impacto seria muito grande, uma redução de quase 75%, que afetaria cerca de 11,6 milhões de pessoas – 2,1 milhões com menos de 15 anos – e as tornaria também muito dependentes da renda do trabalho, 79,0%.

11. Atualizado em 1ª jul. 2020.

12. Estimativas da autora.

A outra categoria é composta pelos domicílios que contavam apenas com a renda dos idosos, os quais representavam 18,1% dos domicílios brasileiros. A morte desses idosos deixaria 5 milhões de pessoas sem renda, uma vez que não contavam com a renda do trabalho e/ou de outra fonte.

5 COMENTÁRIOS FINAIS

As simulações consideram situações extremas, ou seja, zeram a renda do trabalho e assumem que todos os idosos morrerão. Apontam para uma situação limite. O que se sabe que está acontecendo neste momento é uma diminuição da renda do trabalho devido ao desemprego em todas as idades e ao corte de salários, bem como ao aumento da mortalidade da população, em especial da parcela idosa. São duas faces da pandemia que afetam a renda das famílias e deixam em destaque o papel dos idosos brasileiros e a contribuição da seguridade social para a sua sobrevivência.

Chama-se a atenção para o fato de que o idoso é vítima duas vezes nessa pandemia, pois é quem morre mais e é mais afetado pelo desemprego. No entanto, o seu papel nas famílias é pouco reconhecido. É possível afirmar que, se morre um idoso, uma família entra na pobreza.

REFERÊNCIAS

ARRIAGADA, I. **Políticas sociales, familia y trabajo en la América Latina de fin de siglo**. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 1997.

BARROS, R. P. de; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. Incidência e natureza da pobreza entre idosos no Brasil. *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.

CAMARANO, A. A.; CARVALHO, D. F. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 2757-2764, 2015.

CAMARANO, A. A.; FERNANDES, D. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados? **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, n. 57, p. 21-30, 2014.

_____. Condições de empregabilidade do trabalhador mais velho. *In*: DE NEGRI, J. A.; ARAÚJO, B. C.; BACELETTE, R. (Orgs.). **Desafios da nação: artigos de apoio**. Brasília: Ipea, 2018.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Famílias com idosos: ninhos vazios?** Rio de Janeiro: Ipea, 2003. (Texto para Discussão, n. 950).

CAMARANO, A. A.; MELLO, J. L. Capítulo 1-Introdução. *In*: CAMARANO, A. A. (org.). **Transição para a vida adulta ou a vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)**. Microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Boletim Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise, Brasília, n. 68, abr. 2020.

OTTONI, B. **Características das pessoas que saíram do mercado de trabalho em função da crise da pandemia de covid-19**. jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3QhO4ah>>.

SABOIA, J. Benefícios não contributivos e combate à pobreza de idosos no Brasil. *In*: CAMARANO, A. A. (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

